

- BRUSCIA, K. *Definindo Musicoterapia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- HENTSCHKE, L., SOUZA, J. organizadoras. *Avaliação em Música: reflexões e práticas*. São Paulo: Moderna, 2003.
- ISENBERG-GRZEDA, C. *Music therapy assessment: A reflection of professional identity*. Journal of Music Therapy, 1988.
- SABBATELLA, P. *Avaliação e avaliação clínica na musicoterapia: Uma visão geral da literatura e da prática clínica*. Disponível em: <http://www.musicotherapyworld.de>, acesso em 15 abr 2005.
- SEKEFF, M. L. *Da música: seus usos e recursos*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- STEFANI, G. *Para entender a música*. São Paulo: Editora Globo, 1989.

## " Mitos e Realidades sobre os verdadeiros limites da profissão"

Bárbara Trelha Oiveira<sup>1</sup>

Debate-se muito na comunidade acadêmica e profissional, as barreiras e entraves para a expansão da musicoterapia. Dentro do panorama atual do mercado, percebo que vários aspectos são paradoxais.

Conforme minha experiência profissional como Musicoterapeuta e Educadora Musical, comecei um trabalho de reflexão sobre essa temática e me surpreendi com a constatação que muitos dos limites para esse crescimento vinham exatamente de 'mitos' e preconceitos adquiridos ainda na academia.

Em formação, somos bombardeados com uma atmosfera de insegurança passados através de conceitos pré estabelecidos sobre a profissão:

- As pessoas não sabem do que se trata a musicoterapia
- Outros profissionais não reconhecem o alcance e seriedade da musicoterapia
- Pessoas diversas utilizam a música como formas de relaxamento etc, e anunciam que é musicoterapia.

Saindo do meio acadêmico, nos deparamos com a realidade. Essa, de fato, mostrando a cada investida profissional, quantos medos e preconceitos temos que ir desfazendo dia a dia.

Quando atuei na área médica ( musicoterapeuta em contexto clínico de internamento para dependência química), o reconhecimento e apreciação de outros profissionais como médicos, psicólogos, psiquiatras e outros, foi quase que imediata quando o processo com o paciente acontecia. Sem precisar levantar bandeiras ou fazer discursos de esclarecimentos, o processo musicoterápico ( quando realizado com ética e seriedade), se mostra e impõe por si só.

Na área da educação a receptividade é ainda maior, pois diferente da psicologia, pode ser incluída como atividade terapêutica sem distoar da rotina educacional e sem criar resistências como as de tratamentos psiquiátricos ou psicoterápicos.

Junto a essas inúmeras outras vantagens poderiam ser relatadas.

Mas então por quê não temos a regulamentação, uma notoriedade maior, salários mais avantajados, concursos públicos e estabilidade?!

Estão nestes pontos os paradigmas, inerentes a qualquer profissão, mas peculiares em nosso caso.

Há um medo de encerrar espaços novos, inovar, inserir-se no mercado de forma mais incisiva. Há uma especial preocupação com o quê a classe de profissionais ( colegas) pode avaliar de seu trabalho. A sensação de que se deve ter sempre muito claro os limites do que venha a ser musicoterapia e defendê-la, argumentada cientificamente, para qualquer um a qualquer momento, é que acaba sendo o grande limitador.

Proponho uma inversão de lógicas. Não mais explicarmos às pessoas o que fazemos, atendermos o máximo de pacientes que nos for possível com a energia e compromissos voltados para o processo e para com a melhora do paciente. Quando essa for a postura comum de toda a classe, acredito que certamente seremos requisitados como profissionais com o devido reconhecimento, sem ter que " cavar com pá" nossa credibilidade enquanto profissionais.

O grande reconhecimento de uma profissão se dá quando há um lastro científico por trás da prática, porém a cientificidade de qualquer atividade provém da repetição desta, suas constatações e apropriados registros.

Sem a prática jamais teremos material para promover uma evolução.

Proponho arriscar mais, sem medo de críticas, pois elas sempre virão, a não ser que não estejamos fazendo nada.

<sup>1</sup>Musicoterapeuta graduada pela FAP/ Curso de Especialização em Dependência Química/ Educadora Musical.